Os Médicos Vampiros

Poema Anti-Flogístico

Dedicado ao Sagrado Moderno

Viva! Viva! Viva! Viva! Uma centena vivo!
O novo médico que se prepara para falar!
Mil, mil anos e mangue e bebida,
E sangrar e matar!
Moliere (Interlúdio do Imaginário Inválido)

E aqueles de quem se fala
dificilmente haverá um em cem
que se queixará da cura,
a quem não matará
(Palinnon)

Meu Deus! Esse homem é fraco e digno de pena
Quando o peso do mal o domina humilhado!
Ele constantemente pensa que está chegando à sua última hora
A imagem da morte cercou sua carreira:
Mil sonhos cruéis, mil espectros terríveis,
Agite seus pensamentos, assustando seus olhos.
Já disse Plutão; o parque inexorável
Preencherá de destino o decreto irrevogável;

Já mil abismos apressados se abrirão
Que Acheron rola sob suas ondas coléricas,
Onde os mortais excluídos, sobrecarregados com penitências
Irá para o inferno para expiar suas ofensas.
Neste aspecto escuro o moribundo estremece,
Ele se mexe e se move, ele suspira, ele geme,
E sua alma, com medo sucumbindo antecipadamente
Vá para as bordas escuras, veja o abismo e lança-se nele.
Assim dobrando sua doença por transporte imprudente,
O homem antes de expirar experimenta mil mortes.
Mas, nestes dias tristes de angústia e miséria.
Contrito e implorando que outro personagem!
Ele abandona seu ódio, abjura seu orgulho,
Estima a todos e acolhe a todos,
E, mudando imediatamente os costumes e a doutrina
Ele espera tudo do Céu e da Medicina.

Queixoso e lânguido, vítima de seu infortúnio,
Ele implora o apoio de uma arte restauradora:
Discípulos de Esculápio vêm em meu auxílio,
Traga aos meus males um remédio rápido e seguro;
Ilumaine Providence, árbitros de meu destino, é de vocês que depende minha salvação ou minha morte.
De um sonho de felicidade de prestígio deplorável!
Homem, triste brinquedo do destino impiedoso,
Inportuna os Deuses dos seus amargos arrependimentos,
Para prolongar as suas doenças, para manter seus ferros ligados
Às portas do nada, a esperança mágica aumenta o preço da existência aos seus olhos;
Chora por prazeres que nunca provou,
E os seus dias de dor estão cheios de atração para ele.
Mas, oh votos supérfluos, oh docilidade vaidosa!
O paraíso é inflexível e a arte é importante.
Ele não pode recuperar os seus dias felizes perdidos.
E pede em vão por vezes que já não o são!
O que pode fazer a faculdade contra o mal rebelde?
O capricho ilustre de um libelante?
Seguir a nossa agonia, e num tom duvidoso
Prever num curto espaço de tempo o nosso fim fatal;
Testemunha inamovível dos nossos momentos fatídicos
Espiar a nossa morte para nos roubar os nosso restos mortais,

E pelo seu silêncio frio acrescenta às tristezas
De uma família de luto que pede lágrimas.

No entanto, à sua voz, a Faculdade avança,
Espalha todo o orgulho da sua magniscença,
Olha para o paciente e julga de forma muito intensa
Reúne de imediato o júri competente.
As opiniões são abertas; polêmica aprendida;
A alcova é transformada num clube acadêmico.
Agora é tudo boato; toda a gente quer estar a bordo
Para afastar todas as partes e para me pôr a todos de acordo.
Um estudioso profundo, com uma tez pálida,
Desenrola o seu sistema em termos pomposos;
Ele prova docentemente que a lua de Marte
É sinistro e fatal para os homens velhos;
Comentários sobre Galen, contradizem Hipócrates,
E faz o mal alojar-se no fígado ou no baço.
Illicó chinchona, um remédio todo-poderoso
Que cura, como sabemos, o baço num instante.

Ele cita os antigos e, pensando todos as suas palavras
Pensa em igualar ou diminuir o profeta de Cos.
Em primeiro lugar, presta homenagem ao talento do seu colega
O estábulo, e ainda assim apoia exatamente o contrário;
A casca do Peru é um veneno maligno,
Dis ele, e para que possamos ter esperança numa cura,
Ordena ao doente que tome vinte e cinco grãos de emética,
Mas ele irá tomá-lo após o viaticum.
Mas um famoso perito, caiado de branco no arreio,
Orgulhoso dos seus grandes sucessos e das suas longas realizações,
Culpa os raciocinadores da ciência estéril,
E quer ser chamado pela sua experiência.
Fiel honrador de seus antepassados eruditos,
Ele traçou o seu caminho nos seus passos gloriosos.
Em vão durante a sua longa carreira,
A faculdade mudou o seu código e sua bandeira,
O Espírito de controvérsia e dissensão
Tentativa de abolir a instrução sonora,
E do novato frio o coorte infernal
Estranhos às partes, surdos a debates vaidosos,
Quando tudo foi reformado por si só, não mudou;

Só ele foi capaz de resistir à torrente da luz;
E, cioso de vingar as primeiras doutrinas,
Não admite salvação a menos que seja usado um purgante...
A esta palavra, proferida num tom imperativo,
O oráculo de uma escola é muito agitado
Interrompe o altifalante e agarra o chão.
Eu queria, disse ele, entregá-lo a abuso,
Gemam sobre a vossa causa e não a ataquem novamente;
Estava cansado de pregar e cansado de vos responder;
Mas vejo que deve estar novamente confuso.
Imediatamente, reina uma confusão na sala,
Com medo e respeito, os espíritos comovem-se
É aquele cuja inteligência elevada é subimente evidente,
Mais vasto destino amplia a ciência;
Cujo profundo gênio, iluminando os erros,
Persuadir até mesmo os seus detratores;
Ele foi o primeiro a lançar as casas de campo
Sob o jugo imponente das teorias do som,
E que durante muito tempo, sozinho e perseguidos,
Da sua arte degradada, sustentou a dignidade.

O quê! Gritou ele, o quê! Apesar de todo o meu zelo,
Um Purgon atrave-se a levantar aqui a sua testa rebelde!
Atreve-se a fazer discursos insolentes para mim.
A partir de um remédio proibido, oferecer ajuda!
E em todo a vender a sua fórmula banal,
A partir de uma rotina de cegos, o escândalo é visível!
Não sabe que ao meu cuidado a arte deve uma nobre ascensão,
A arte que uma noite escura ainda envolveria?
Não sabe ele que erro, que minou a minha doutrina,
Do templo de Epidauro trouxe ruína?
E recuperou o seu esplendor antigo
A honra é minha, todo minha?
Os meus escritos, da nossa arte ampliando a esfera,
Partilham as prateleiras do livreiro;
Eu purguei... Mas o que estou a dizer? (Tal palavra é horripilante!)
Bani de nós um flagelo destrutivo.
Sem meu trabalho, quantos nomes famosos
Teriam ficados na escuridão espessa!
O mundo inteiro já está cheio dos meus sucessos,
E em todo lado o meu nome e as minhas bênçãos são abençoadas;
Deixem-no tremer, que eu lhe chame anátema,
Ou que um dia eu próprio o sangrei!

Diz ele, e explora o pulso do paciente,
Examina sm todas as direções, depois com confiança
Declarou-o sofrer de gastrite intensa.
Feliz diagnóstico, cujo nome é tão louvado
Compunha sua ciência e sua fama!
Desfrute da sua mente sem entraves,
De sinais de incerteza nunca foi o escravo;
Ele desafia os seus conselhos, e sua sagacidade
Dos seus vários aspectos, a identidade é percebida;
E em breve, penetrando a sua natureza secreta,
Do agente malfeitor, ele recebe a pensão.
Nesta parada fatal,
Para os dias do cliente, todos tremem em segredo;
E o público está assustado com sua perspicácia,
Ao dar seu voto, teme votar a sua perda;
Mas num tom solene, depois de um breve descanso,
O honorável membro prosseguiu:
Têm de sangrar, cavalheiros, independentemente do que alguém diga ou faça,
Não sei como curar com mais eficácia.
Que um pedante de fato, incha com honras vãs,

No seu púlpito, ele professa os seus erros;
Aquele atordoado por uma votação surpreendido próprio,
Em tudo à sua volta atira anátema,
Tem um grande título, se não um bom título,
E quando erra, tem todo o poder;
Mas todos aqueles sonhos ocos que ele conta ao valor facial,
Preencher a lição é muito bonito na escola;
Deixem os professores, deixem os agréges
Falarem os seus tristes preconceitos na suas aulas:
Com a infeliz saga verdadeira
É pródigo no cuidado e sóbrio na fala;
Para destruir o mal, este deve ser enfraquecido,
Sangramento feito, acreditem, sem tremores ou palidez.
Em vão de um velho ditado que muitos autores nos obscurecem;
Só há um remédio para mil doenças diferentes.
Convulsões, dores de dentes
A praga, o escorbuto, mil outros acidentes,
Derrepente, desaparecem pelo mesmo regime;
Por isso, acabou-se o embaraço, e esse é o sublime.
Mas não foi bem sucedido no princípio?
Não devemos hesitar em sangrar novamente.

Deixem-nos ser charlatães, cheios de falsos escrúpulos,
Para competir pela honra de escrever uma fórmula.
Este empirismo abjeto, o triunfo do erro,
Pode a maioria das pessoas divertir-se com a dor.
Num século iluminado, o médico vulgar,
Por mais talentoso que ele seja, não pode agradar por muito tempo
Querem saber os segredos da minha arte?
No homem que está a morrer, a vida é um excedente.
Em vão me dirão, para congelar a minha coragem,
Que o paciente é fraco e idoso;
E dos parentes pecadores o clamor importuno
De um perigo ideal inspira-me medo;
Não quero saber do estado de espírito preocupado,
E nunca responda a menos que eu retire minha lanceta.
De um remédio alardeado, temem a virtude,
É frequentemente um veneno com um belo nome;
Encontra-se o suficiente deles sem razão ou medida
Que para vencer o mal domina a natureza

Temos de sangrar, amigos, esta é a indicação
Para acalmar os espíritos da exasperação;

O sangue na alma ilumina as suas devastações,
E das nossas paixões fomentam as tempestades.
Olhem este conquistador faminto por batalha,
É o sangue que o excita e orienta o seu braço;
Este frenético jogador que corre para sua ruína,
Este comerciante ganancioso que é dominado pelo interesse próprio;
Este fanático devoto, ilustre criminoso,
Cobrindo-se de embalagens para merecer o céu;
Este Ministro de Estado, um tirano ilegítimo,
Que se eleva às custas das pessoas que oprime;
Este poeta indomável, amargo pelos seus contratempos,
Vingar o público com versos piores;
Não há dúvidas que é o sangue que os atormenta.
E este humilde prelado que tem medo do jejum;
Este jovem atrevido, um quartel-general insignificante,
De um duelo assassino que faz questão de honra;
O estudantes de Direito, loucamente em alarme,
Na desordem pública, desafiando os gendarmes;
Este adulador flexível, político astuto,
Abraçando a sua causa e a visão oposta,
E ajustando artisticamente a sua reverência
Sobre o vestido dos arrumadores e na sua insolência;

Este abade parvenu, surpeendido com a sua grandeza,
Que é elogiado e nomeado Monsenhor;
E aquele rabino piedoso que se vangloria e delira,
Rezar a Deus pelos outros, mas não ajuda ninguém...
Apressa a sangrar, o homem mais perverso
Espera apenas por esta benção para chorar pelos seus feitos.
Está engenhosa e animada, com uma aparência tão inexperiente,
Esconde sob a candura um coração ressequido pelo vício;
Aquele amigo generoso, que lhe oferece apoio,
Com um olho ganancioso cobiça a sua propriedade,
E lisonjeando as suas inclinações para ganhar sua estima,
Cobriu os seus degraus com flores para cobrir o abismo.
Vê este estudante, um cortesão inteligente,
Do mestre ele abusa do aprendiz charlatão,
Este proclama um modelo e nunca o imita,
Elogia um protetor e não o seu mérito
Este estudante, na escola, sentado no deserto,
Ouvirá sem bocejo Clã ou Culpa.

Das nossas desregulamentações a pintura vista à margem
De um sangue degenerado revela a mancha.

Estes guerreiros desertores vergonhosamente derrotados,
Têm sangue que congela e não circula.
Aquele censor cáustique, o subalterno Zoil,
Empobreceu o sangue que degenera em bílis;
Este malandro enobrecido, todo orgulhoso dos seus antepassados,
Tem o sangue espesso que lhe fascina os olhos;
E aquele marido ciumento que pragueja e faz tempestades,
O seu sangue está a ferver na sua cabeça.
Quer pôr um fim a estas tristes discrepâncias?
Sangrar, cavalheiros, sangrar, esse é todo o meu refrão.
Sempre este rimando, este amante da música burguesa,
Este feroz litigante, a água da disputa;
Os leitores da Estrelas e os gostos depravados,
O escritor romântico e as nossas gorduras furiosas.
Sangrar os trovadores cuja musa se empresta
Para cantar todos os santos, para murchar cada festival;
Este infame caluniador, com uma abordagem esgotada,
Difama o próximo para ganhar um escudo.
As nossas esposas vaporosas, as nossas esposas coquetistas,
E o marido míope como óculos;
Finalmente, antes da sua morte, sujeito à nossa lei;
Nous saignerous, amis, l'empirique Leroy.

O orador triunfante estava prestes a abrir a veia
Do doente que estava a morrer e que mal respirava,
Quando Purgon, irritado, com um braço firme e nervoso
Puxa-o de volta e colocou-se entre eles.
Não é suficiente, disse ele, vermelho de raiva,
Para serem informados dos seus erros, têm de ser tolerados?
Eu, para sofrer este ultraje, para suportar este desdém!
Já é demasiado tarde. Ele diz e com uma mão
Debaixo do seu casaco está uma enorme garrafa.
Isto é o que vai fazer maravilhas;
Este remédio é certo; e, sem mais delongas,
Ele próprio quer administrá-lo ao doente,
Jurando que devemos, sob o risco do custo,
Deixá-lo engolir a dose e não perca uma gota.
Mas Sangrado observa-o e no mesmo instante
Empurra-o para a cama, derruba-o e deita-o;
Apreendido com um rápido transporte à vista da bebida,
Como um hidrofóbico, ele sente a sua raiva a crescer;
Ele ataca, e vai embora o vaso em vinte pedaços,
Com o seu veneno fatal, os azulejos serão prugados.

No entanto, surpreso que neste momento nos esquecemos um do outro,
Para o paciente, pelo menos a audiência implora;

Esforços vãos! Sob o seu peso, a sensação de desmaio
O doente sobrecarregado respira seu último suspiro.
Mas este infeliz contratempo não acalmou a tempestade,
A coragem dos nossos dois campeões irrata-nos;
Sangrado que vê fugir a sua presa e a sua honra,
No seu braço sente um novo coração e renascer:
Aos olhos da assembleia emocionada e consternada,
Ele sangra Purgon extensivamente.
Um triunfo encantador! O herói é prodigioso com
Elogios lisonjeiros e numerosos bravos,
Todos elogiam os seus talentos, exaltam-no e admiram-no,
E finalmente, os cavalheiros estão satisfeitos e partem.